

## Homenagem a Miriam Halpern Pereira

APHES, Évora, 18 Novembro 2005

*José Luís Cardoso*

Para os membros de uma associação de âmbito académico e científico, é sempre motivo de especial satisfação poder homenagear um dos seus pares.

Tal não tem sido prática usual da APHES, o que certamente revela a intenção de não banalizar um gesto que se pretende de distinção, por isso mesmo reservado àqueles que entre nós se qualificam pelo superior merecimento dos seus contributos para a formação da nossa disciplina, deste território amplo da história económica e social onde se cruzam múltiplos trilhos de pesquisa. Até ao presente apenas mereceram tal distinção os Professores Vitorino Magalhães Godinho e Albert Silbert

É particularmente agradável fazê-lo neste momento do nosso Encontro anual. Apesar de ser momento informal e descontraído, não dispensa um breve apontamento escrito, não vá o adiantado da hora trazer a desagradável surpresa de algum lapso ou esquecimento.

*I would like to ask our foreign colleagues to kindly accept my apologies for addressing these few words in Portuguese. I am sure you understand what is going on here. The books and articles written by Miriam Halpern Pereira are mainly devoted to the topic of economic development in the nineteenth and twentieth centuries, focusing on the conditions and constraints faced by Portuguese economy and society. Special emphasis is given to the role played by both free trade and protectionist policies and ideologies.*

*The discussion of the concepts of asymmetric growth and external dependence – just to refer to two of the most relevant and permanent issues in the research agenda of Miriam Halpern Pereira – have largely influenced Portuguese contemporary historiog-*

*raphy, either through the faithful acceptance of their meaning and implications, or through the criticism they have raised.*

*Any controversy notwithstanding, it is for all of us fully acknowledged the great merit of the contributions given to our discipline by our distinguished fellow Miriam Halpern Pereira.*

Espero que todos tenham percebido que introduzi este parágrafo em inglês para poder usar a expressão “*distinguished fellow*”, que traduz bem o sentido da homenagem que queremos prestar a Miriam Halpern Pereira. Mas agora noto que ao fazê-lo estou a dar mostras de uma marcante fragilidade da nossa cultura, a saber: a substancial dependência linguística em relação ao exterior, sobretudo desde a segunda metade do século XIX e sobretudo em relação à Inglaterra. E espero agora que tenham percebido que esta última referência é afinal um suave pretexto para introduzir a obra de Miriam Halpern Pereira...

O título do seu primeiro livro, publicado em 1971, é revelador de uma enorme inteligência e perspicácia académica. Se não foi intencional, poderia perfeitamente ter sido. Através do simples uso de uma conjunção aditiva – livre-câmbio *e* desenvolvimento económico – desperta no leitor a curiosidade de saber se o livre-câmbio é um factor favorável ao desenvolvimento económico ou se, pelo contrário, constitui um factor de bloqueio. Nada é dito, no título, que qualifique a relação entre os dois termos, livre-câmbio *e* desenvolvimento económico.

Conhecemos a resposta da autora e não viemos agora e aqui com o propósito de discutir os contornos ou a validade da tese. Mas para quem neste livro quiser procurar mais do que o enunciado conclusivo de um raciocínio coerentemente fundamentado e explicitado, encontrará com proveito linhas de pesquisa que têm sido prosseguidas e confirmadas, discutidas e contestadas, reveladoras da relevância de um livro que constitui marco decisivo da historiografia económica portuguesa relativa à segunda metade do sé-

culo XIX. Uma obra incontornável, com a qual se convive, na qual se tropeça, sempre que somos chamados a reflectir sobre a estrutura demográfica, os usos da terra, as técnicas e tecnologias agrícolas, o desenvolvimento de formas capitalistas de exploração agrícola, a evolução dos preços, o comportamento da balança de comércio, o peso dos factores institucionais e políticos na vida económica... sem esquecer a filoxera. Tudo isto servido por um rigoroso e inovador trabalho de pesquisa e tratamento de fontes que contribuiu, decisivamente, para trazer ar fresco e modernidade, renovação temática e metodológica à historiografia contemporânea portuguesa.

Grande parte dos seus trabalhos posteriores têm consistido em aprofundamentos de um tema central na obra de Miriam Halpern Pereira: a análise dos factores que determinaram e das circunstâncias que ditaram o processo de desenvolvimento da economia e sociedade portuguesas nos séculos XIX e XX. Crescimento assimétrico e dependência externa são dois dos principais conceitos instrumentais que nos ajudam a compreender a essência das suas contribuições acerca do modo como a abertura da economia portuguesa ao exterior condicionou o seu processo de desenvolvimento. Revisitemos sumariamente essa abordagem.

Na segunda e longa metade do século XIX (1847-1914), uma vez abolidos os alicerces da sociedade de antigo regime, o desenvolvimento capitalista em Portugal foi dinamizado pela agricultura e pelo comércio externo. Num ambiente favorecido pelo predomínio da ideologia e da política económica liberal e livre-cambista, o modelo adoptado originou fortes assimetrias e distorções, pelo facto de o país não ter podido ou sabido industrializar-se. Incapaz de enfrentar a concorrência estrangeira, sobretudo britânica, a incipiente indústria portuguesa não logrou beneficiar dos projectos de fomento ensaiados, mesmo quando a crise do comércio externo no final do século XIX poderia aconselhar tal estímulo e justificar um surto industrializador. A solução encontrada foi a intensificação do mercado colonial. Mais tarde (1940-1970), quando surgem novas possibilidades de efectiva industrialização (mesmo que se tratasse, nas palavras da autora, de uma “industrialização sem reforma agrária”) são ainda as condições impostas pela divisão internacional do tra-

balho que vão ditar a fragilidade de um modelo de desenvolvimento que, entre outras falhas, não pôde contar com a formação de um mercado interno capacitado para absorver o crescimento da produção industrial.

É à luz deste enquadramento que se compreende o interesse de Miriam Halpern Pereira pelo tema da emigração e respectiva política, dado o papel crucial que desempenhou enquanto factor de consolidação do desenvolvimento assimétrico antes esboçado. Ou seja, a emigração permitiu escoar o excesso de população campesina que o incipiente ritmo de industrialização não podia absorver. Deste modo, também se transformou num factor que agravou as dificuldades de industrialização e aumentou o grau de dependência externa de Portugal.

Assim se compreende também o interesse que Miriam Halpern Pereira tem dedicado às questões da organização do trabalho artesanal e fabril e à demonstração da fragilidade de um tecido industrial cerzido “sem revolução industrial”. Assim se percebe, finalmente, o relevo que tem dado aos problemas da construção do Estado liberal e da sua estrutura financeira, ao significado dos tratados de amizade e comércio com a Inglaterra de 1810, ao pensamento e acção política de Mouzinho da Silveira, ao modelo de política económica de Oliveira Martins, enfim, à diversidade de temas que atravessam a sua obra com um sentido expositivo bem preciso: o estudo dos factores que ajudam a explicar ritmos, atrasos, bloqueios, assimetrias ou divergências no processo de desenvolvimento económico em Portugal nos últimos 150 anos.

Esta exposição já vai longa, atendendo à prometida informalidade na evocação. Mas não poderia aceitar a tarefa de enaltecer sem explicar a substância que justifica o elogio e a homenagem. Dito o essencial, ficamos por agora dispensados de recordar o seu trabalho no Centro de Estudos de História Contemporânea do ISCTE, na direcção da Revista *Ler História*, ou na direcção dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo.

Mas uma vez que não estamos em ocasião de elogio académico circunstanciado, perdoe-se a ousadia e a imodéstia de um brevíssimo testemunho pessoal.

Quando em 1979 decidi cursar a licenciatura de Sociologia no ISCTE, depois de concluída uma licenciatura em Economia no ISE e numa época em que não havia cursos de mestrado nas áreas que apreciamos, deu-se o feliz acaso de ser aluno de Miriam Halpern Pereira na disciplina de História Contemporânea Portuguesa. O trabalho que realizei na sua disciplina esteve na origem do primeiro livro que publiquei, sobre Manuel Fernandes Tomás, e marcou o início de uma relação pessoal e académica que muito prezo. Quando nessa mesma altura iniciei a preparação do doutoramento, conversando com o saudoso Professor Francisco Pereira de Moura sobre a orientação mais adequada para o trabalho que pretendia efectuar – no domínio da história do pensamento económico português de finais do século XVIII – prontamente me aconselhou o nome da Professora Miriam Halpern Pereira. E assim aconteceu este vínculo a uma área científica que tem a história como disciplina matricial.

Feito o testemunho (agora que sabem de quem é a culpa...), espero que compreendam a grande honra, mas sobretudo o imenso prazer de poder anunciar, a pedido da direcção da APHES, não um título nem um galardão, mas tão só o reconhecimento de uma obra que se distingue pelo seu mérito e alcance junto da comunidade de praticantes da história económica e social. Obrigado Professora Miriam por estar entre nós.

Évora, 18 de Novembro de 2015

## Palavras de agradecimento

*Miriam Halpern Pereira*

Exmo. Senhor Reitor da Universidade de Évora

Membros da Direcção da APHES

Prof. Doutor José Luís Cardoso

Caras e Caros Colegas

Agradeço vivamente à APHES esta homenagem, que constitui uma honra para mim. Estou particularmente grata ao Prof. Doutor José Luís Cardoso pelas palavras com que evocou os meus trabalhos científicos, a minha actividade como professora, directora – fundadora do Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa, directora da revista *Ler História* e directora-geral do IANTT. Deu-me particular prazer que tivesse evocado o meu papel na afirmação da sua vocação historiográfica no contexto da disciplina de História económica da licenciatura de Sociologia, de que foi excelente aluno.

Uma vez publicados, os nossos trabalhos pertencem a quem os lê. Ganham independência em relação ao autor ou autora, que passados muitos anos podem até ficar surpreendidos com citações que lhe recordam linhas esquecidas. Há naturalmente várias leituras e são elas que dão vida a esses escritos, que vão determinar a sua efectiva contribuição para a historiografia. O debate e a crítica são componentes fundamentais da actividade científica. Apenas se não admite que se critique de forma inexacta para logo retomar como suas as teses criticadas ou se ignore o que outros fizeram antes de nós. Verificou-se também nalguns casos comigo, embora raramente. A ciência é feita de um longo acumular de saber colectivo, para o qual cada um de nós vai contribuindo com uma parcela. Pretender recomeçar do zero representa quase sempre uma atitude de falta de rigor.

Acho que raramente passei despercebida. Mesmo quando o desejei. Até quando me aposentei discretamente. Não tardaram a lembrar-me a praxe da lição e a verdade é que gostei de a escrever e de encontrar colegas, amigos e amigas e familiares, num ambiente muito caloroso. Como hoje aqui acontece de novo.

Porventura num excesso de optimismo em relação ao futuro, recusei que a minha lição de aposentaçã fosse designada de última lição, tanto mais que não estava a leccionar há cerca de quatro anos e a lição não servia para encerrar nenhum curso. Do mesmo modo também encaro esta homenagem como um incentivo para futuras investigações e reflexões. Dada a longevidade da minha linha paterna, a minha avó faleceu com mais de 90 anos, o meu pai com 101 anos e perfeita lucidez, sei lá o que me espera! Talvez a linha materna me salve dos 110 anos.... Enfim tenho de me preparar para a eventualidade de bastantes anos de vida activa, que espero menos *stressante* que este primeiro ano de aposentaçã, em que ainda não tive tanto tempo, como desejava, para retomar algumas das minhas investigações ou simplesmente para pôr em dia as leituras atrasadas. Mas isso acontecerá sempre. Como evitar livros comprados não-lidos, logo submersos por outros ainda mais interessantes ou cuja leitura nos parece mais urgente. Como tenho estado a oferecer livros que já li e correspondem a projectos encerrados, espero pelo menos não ficar rodeada por uma maioria de livros que nunca li!

Apraz-me muito o contexto desta homenagem, neste congresso da APHES. É uma associação que tem tido um papel notável na constituição de uma comunidade científica na área da História. Começou com um núcleo muito centrado na vertente económica da história, cuja marca continua a ser visível, mas tal como a sua congénere internacional, abriu-se para outros domínios e hoje constitui um fórum anual em que abordagens científicas diversificadas se organizam em torno de um grande tema central. O tema deste ano é –me muito querido. Desde a leitura de Orlando Ribeiro e Oliveira Martins que a dimensão híbrida de Portugal, atlântico e mediterrânico, e a necessidade imperiosa de uma concepção da nossa história inserida também no eixo mediterrânico cedo se me impôs. Hoje que o nosso conhecimento histórico de Portugal tem bases novas e mais inseridas nas linhas de investigação adoptadas em outros países europeus, a comparação é mais viável e

frutuosa. Essa vontade de fazer história comparada está presente na maioria dos painéis deste congresso.

Gostaria, se me permitem, de vos fazer uma sugestão para futuros congressos, e que é a de entrecortar as sessões especializadas, fundamentais claro, com algumas mesas-redondas que retomem os grandes temas dos congressos, ou temas amplos com ele relacionados, permitindo debater questões centrais e que estejam por resolver, lançando assim eventuais linhas de reflexão para o futuro. Como aliás foi prática num dos primeiros congressos, aqui mesmo em Évora. Dimensões geográficas e históricas ausentes, e provavelmente difíceis de colmatar a nível muito especializado, como o problema dos ritmos diferentes do desenvolvimento multi-secular nas regiões do mediterrâneo setentrional e meridional, poderiam ser abordados nesse espaço de debate mais amplo. Para dar apenas um exemplo, que me ocorreu a propósito deste congresso, agora em curso. Mas deixem-me acrescentar que considero este congresso do maior interesse pela sua composição temática e pela participação, com a presença de grandes nomes da historiografia europeia.

A historiografia tem se ser um vaivém entre a investigação sobre temas específicos e os grandes problemas que finalmente estão na origem do interesse de todos nós pela História. Esquecê-los, deixando-nos esmagar pela especialização, conduziria à negação da História enquanto contribuição para a melhor compreensão da sociedade em que vivemos\*.

Évora, 18 de Novembro de 2005

\*Apenas após a realização desta cerimónia, é que Pedro Lains me informou que fora proposta por ele. A colocação deste texto no site da APHES é a ocasião que aproveito para expressar o meu agradecimento público, infelizmente quando ele já não está connosco.

16 de Março de 2022